

A Inquisição Hespanhola

FERRER FUSILADO

Consumou-se o nefando, brutal attentado.

A canalha clerical gargalha de contentamento e rejubila de gozo ante a execução do seu maior inimigo, d'aquella envergadura superior que formava consciencias livres, emancipando-as de dogmas e preconceitos irrisorios.

A civilisação perdeu um apóstolo dedicado, alma generosa que trabalhava pela instrucção popular. Meia duzia de balas homicidas assassinaram-o.

Para semelhantes commettimentos — onde transparece o maior vandalismo que a alma humana pode conceber — é que a patria de Cid instrue soldados, dando-lhes como alvo a vida dos que luctam pelo *Bem da Humanidade*.

Alem do abominavel crime, a malta reaccionaria instiga o moderno Torquemada, na odienta pessoa de Maura, a apossar-se do que pertence aos descendentes do insigne propugnador da *Verdade*, como um unico meio de destruir a continuacão da obra de evangelisação e de ensino nacionalista, de que Ferrer foi o fundador.

A França, n'um gesto que a dignifica, nação que se destaca pela nobreza do seus sentimentos, adotou os filhos do grande pedagogo.

«Ah! como a França é grande», já o disse alguém; e nós, humildes admiradores da patria de Augusto Conte e de Victor Hugo, curvamos, d'olhos humidos, ao vêr o quanto de philanthropico tem a acção immorredoura que o *Conselho Municipal de Paris* acaba de praticar.

Em pleno seculo XX, na decantada phase da Liberdade tomba, ensanguentando o solo o cadaver d'um pensador.

O sangue que correu, avermelhando os fossos de Montjuich, foi o sangue das almas sedentas de Amôr, que luctam pela perfeição social.

E' a *Verdade* e a *Justiça* apunhalada, pelos retrogradantes.

E' a evolução que deixa na vereda do pro-

gresso mais um pioneiro, victima da politica—religiosa que tenta esmagar o pensamento moderno.

Ferrer não morreu. A sua idéa proseguirá impavida, creando novos discipulos. A sua figura eternisar-se-ha, para sempre, e indelevel, nas paginas da Historia como vulto eminente d'entre aquelles que a *pacifica* Igreja, nas suas covardes e inverosimeis perseguições, ha victimado.

O clericalismo não podia perdoar a Ferrer a sua audacia.

Sentia-se desnorteado perante a Verdade que a «Escola Moderna de Barcelona» e congeneres derramaram nos cerebros falhos de luz.

D'ahi a execravel vingança.

Ao longe, já soam os clarins da revolução social e ai dos despotas que cairão como as folhas seccas levadas nas azas do vento.

Dogmas e arminhos não terão sobre a *Humanidade* liberta o mesmo valôr que a lama que calcamos.

A superioridade apparente que hoje exhibem desaparecerá, sob a aurora da soberania popular.

Emquanto o mundo culto, contristado, em assomos de revolta manifesta a sua repulsão pelo ignobil assassinato de Ferrer, talvez a Hespanha barbara, a Hespanha loiolesca tenha na commisura dos labios um sorriso de indiferença.

Assassinos!

Odioso estigma que apontará ás gerações vindouras a pagina inquisitorial da historia hespanhola, onde os irmãos de Cervantes a cargas de baionetas tentavam levar aos sertões marroquinos o lábaro da civilisação, quando adentro do seu paiz, trucidavam o maior propagandista e apóstolo dedicado da instrucção moderna.

A' Hespanha intellectual, que tem por mentores espirituaes Perez Galdós, Blasco, Ibañez, Sol y Ortega e Joaquim Costa, o nosso veemente protesto pelo crime que juizes agaloados cometeram na pessoa do grande educador, Francisco Ferrer.

A Bracara

—|—

Braga, a linda capital do Minho, era bem digna de melhor sorte. As amplas avenidas, e os formosos predios que podia possuir, ficaram reduzidos a enormes casarões, esoticos e sombrios, onde a alma crente e temerosa asfixia vagarosamente nas mysticações do irrealisavel.

Em qualquer parte da cidade existe uma igreja, um convento, um asylo. O moderno Chalet, elegante e gracioso, que tanto serve para dar um aspecto de alegria e de progresso,—esse não existe:—talvez o seu apparecimento, viesse profanar a Roma portugueza!... talvez!

A vida n'esta cidade, é triste. As familias, a não ser ao domingo passam a vida dentro das casas. É não é raro, depois das nove horas da noite, ouvir n'um ou n'outro casebre, umas resas sonolentas das beatas fingidas...

Braga deve tudo isto, ás más crenças religiosas. Aos ministros da Roma Apostolica, não convinha outra coisa que não fosse recesso, acanhamento, ignorancia.

Elles falam d'um ceo de que nada sabem e d'um inferno que inventaram.

É á custa d'essas parvoices, teem vivido regaladamente na vidinha do Senhór!

A vida pelo trabalho, a evolução, o desenvolvimento do espirito social para apreciar a sangue frio todas as sombras mysteriosas de que nos falem, não convinha positivamente a esses galopins de consciencias, que cinicamente passam o tempo a vender religião como qualquer pandego de feira, a impingir drogas...

Braga, se não tivesse ingenuamente contribuida para essa larguissima seita, não estaria tão atrazada, nem materialmente, nem moralmente como está.

Nos padres, não ha que distinguir: Franciscanos, Jesuitas, seculares, é tudo a mesma coisa. Que sabem elles da religião que apregõam? Nada. Falam da mysteriosa e pallida figura do Raby da Gallylêa como quem fala d'um irmão que morreu ha dois mezes!... É afinal, quem era esse Christo essa doce e olimpica figura do Nazareno,

de que os evangelhos nos falam, tão desenvoldidamente? Se formos rigorosos nas conclusões, temos de affirmar de que esse Christo é simplesmente uma sombra lendaria lindamente architectada; e que no abysmo escuro do christianismo nada mais se vê do que um crucificado no Monte Gogota

Mas, elles, os commerciantes d'essa religião pouco se importam na firmeza das suas convicções. O que desejam, o que simplesmente querem é o rendimento da congrua, uma freguezia das boas, o peculio da ingenua e simples creaturasita, que na mais rustica das ignorancias, vae depositar nas suas mãos todo o fructo do seu trabalho...

É assim que Braga tem vivido sempre.

Alimenta malandros, elles tolhem o progresso da terra; fazem barracões enormes, e ainda por cima de tudo isto, passam atrevidamente n'um olhar rispido, desafiador, julgando-se os verdadeiros senhores da praça.

E' forte!...

Valentino.

Excerptos de um Sermão

VIII

As indulgencias

Ha uma coisa, entre as muitas que o fanatismo considera de efeitos seguros e em que os beatos creem de olhos fechados, que me causa riso e me faz excitar os nervos por ser de uma ousadia e de uma falsidade que repugnam a todo aquelle que pense claramente e se guie pela verdade, caminho que todos de cara levantada devemos trilhar conscienciosamente.

Essa coisa é as *indulgencias!*

Não é raro ver-se nos jornaes; sua Ex.^a Rev.^{ma} concede oito dias de indulgencias a todas as pessoas que vão a esta ou aquella festa!

Não será irrisorio isto? E'

A Ex.^a Rev.^{ma} que isto concede tem um magnifico palacio onde vive, commodamente, um carro com bella parelha para o seu passeio, veste sedas e tem creados que a rodeiam de todos os cuidados e lhe proporcionam todos os prazeres.

Não lhe falta dinheiro na bolsa nem na meza abundantes e deliciosos manjares.

Esta Ex.^a concede indulgencias, ou melhor dito, concede o nada, uma coisa que não vemos, que não nos engrandece, que não nos dá de comer, que em nada nos altera. Se eramos pobres, pobres ficamos; se eramos viciosos, não nos tirou o vicio.

Para isto a sustentamos com o nosso esforço e trabalho e para que nada lhe falte passamos fome, passamos frio, não sabemos ler.

Não seria melhor que as indulgencias se convertessem em pão que nos alimentasse, em roupas que nos resguardassem dos rigores do inverno, em escolas que nos elevassem o espirito e dos dessem luz, suavizando-nos a vida, tornando-nos bons, desfazendo-nos a ignorancia? Era. Mas, para assim ser, faltaria á Ex.^a o seu carro de luxo, comeria mais frugalmente, não teria tantas commodidades!

A nossa sanguesuga teria que sugar menos e levar uma vida mais humana e menos sobrenatural aos olhos dos faltos de raciocinio e illustração.

Isto é triste e eu creio em que quem assim vive, muitas vezes se lembrará da mizeria, mas por outro lado pensará que não pôde sacrificar o seu bem estar nem prejudicar-se nos seus haveres e por isso limita-se a conceder aos papalvos... Indulgencias!...

Frei Ignacio.

INSTRUÇÃO

Toda a propaganda em prol da instrucção, quer na tribuna, quer no jornal, quer no livro, é pouca; toda a propaganda em prol da instauração é precisa, é necessaria; nada se deve recusar.

O movimento de agitação que se produz em todo o paiz, nos espiritos cultos, tratando da constituição das *Ligas de Ensino*, enche-nos o coração de alegria, pois torna-se preciso esse movimento, para o levantamento da alma nacional.

Já que os governos não tratam do problema da educação do povo, descurando este assumpto que devia merecer todas as atenções, deixando-se ficar muito re-

costados nas suas *cheises-longues*, o povo, que tudo vence, que afasta sem contemplos os entraves que se opõem á sua mancha, que é heroico quando é preciso, elle mesmo trata da instrucção fundando essas *Ligas*, ensinando a ler, fazendo de cada portuguez um patriota, um cidadão.

O analphabetismo que existe em Portugal envergonha-nos aos olhos dos paizes estrangeiros, pois taes sam as condições intellectuaes do paiz.

Diz-nos o *Anuario Estatistico*, que é elaborado na direcção geral de estatistica do ministerio da fazenda que em 1903 emmigraram 21:757 portuguezes, sendo **12:369 analphabetos**.

A Suissa, que deve ser a terça parte de Portugal, pelo que nos demonstra a geographia, é um paiz tam pequenino, mas que nos dá lições.

Em 1908 apresentaram-se em Cantão á inspecção militar, 4.921 mancebos e pediram passaportes para o estrangeiro 2.245 individuos, pois entre estes **7.166** cidadãos não se registou um **unico iletrado**.

Mas estas cousas nada preocupam os nossos *grandes homens* os nossos *eminentes estadistas*.

Haverá cousa melhor que governar analphabetos?

Sem duvida que não.

Se Portugal fizesse como a Suissa, que o orçamento para as futuras construcções escolares é de 13 milhões de francos, o que corresponde pouco mais ou menos a 3 mil contos, já se não encontrava n'um estado vergonhoso.

Precisamos, nós, o povo de pensar sériamente no futuro da geração nova e para isso, abrindo escolas e auxiliando as existentes, rasgaremos as trevas do analphabetismo.

A missão das *Ligas de Ensino*, é uma missão altamente patriota.

Lelhes.

Carapuças

VII

Deus e... um processo. A razão é sempre do mais forte... em dinheiro.

Este é o seu Deus supremo

Zef.

Côro dos foguetes

Terric-tric... lá vem, coitados...
 Pum!... quasi a chegar;
 D'incenso, viúho, frangos assados..
 Pum!... cheiros no ar!

Terric-tric... com ar constricto.;
 Pum!... marcha u matronas;
 E na cestinha peixinho frito...
 Pum!... com azeitonas!

Terri-tric... tantas bandeiras...
 Pum!... trepando a encosta;
 Gente de Braga com frigideiras...
 Pum!... com muita moçal!

Terric-tric... pedra alvada...
 Pum!... linda sacada;
 Capella antiga, por moito impia...
 Pum!... hoje estragada!

Terric-tric... ve hos sobreiros...
 Pum!... dae nos abrigo;
 Dos garrafões vem-nos uns chei-
 ros...
 Pum!... até ao umbigo!

Terric tric... destapa a cesta...
 Pum!... que bom repasto!
 Nossa Senhora que linda festa!..
 Pum!... que bom verdasco!

Terric-tric... sinto me mal...
 Pum!... foi muita fê
 No garrafão, que jaz mortal...
 Pum!... aqui ao pé!

Terric-tric... Avê Maria...
 Pum!... cheia de graça;
 Tenho-vos crença, mas que seria...
 Pum!... sem a vinhaça?!

Benebruto

Predica a um bebé

Olha lá, meu Bêbé: tu, nascido ha poucos minutos não podes comprehender-me, mas eu sin o uma imperiosa necessidade de te falar, de te dizer para onde vens.

A tua mãe, a tua santa mãe, já aljofrou o teu rostinho com lagrimas, não de dôr nem de prazer, mas de humilhação. E' que tu, meu Bêbé, entras no mundo como todos nós deveríamos entrar, sem outros requisitos que não sejam os impostos pela natureza. E's um ser forte, robusto, bem constituido; mas isso pouco importa á sociedade que de ti se vai apoderar com os seus crimes, os seus vícios, os seus preconceitos. Tu, meu Bêbé, não vens para o mundo; vens para a sociedade.

A tua mãe é pobre e vê-se contigo nos braços. Cedeu aos seus instinctos naturaes. Deixou-se fecundar sem previos contractos.

Se tu viesses unicamente para o mundo, crearte-lhas amparado por tua mãe, e, mais tarde pelos teus semelhantes até chegares á idade de só por ti, poderes arrastar com os embates a que todo o ser vivo se encontra sujeito. Mas tu vens para a sociedade! Vaes entrar n'ella pela agua *lustral* do batismo, em cujo assento a sociedade impõe que te seja lançada a ignominiosa nodja da ilegitimidade.

Isto poder-te-ha ser um impedimento na vida se a sorte te for adversa; mas se ella te favorecer e te for preciso apagar essa mancha que a igreja te lançou, Roma, mediante uns cobres, arranja-te um pae.

Vê, meu Bêbé, quão grande é a natureza e quão mesquinha é a sociedade! Aquella quer productos fortes, robustos e sãos. Esta quer a miseria, o crime, o definhamento dos seres.

Procura ser homem, meu bôbé, mas homem como a natureza te gerou.

Cuida unicamente na perfeição da tua raça, porque é isso que ha-de perdurar.

A sociedade, a civilização, a patria, a familia tudo isso são mentiras!

Ama o mundo e crê na humanidade.

Encas

O Castigo

O incendio pavoroso que destruiu a casa de habitação do nosso amigo sr. Luiz Fonseca, em cujos baixos tinhamos instalada a nossa redacção, deu ensejo á *canalha* para propalar que foi um castigo do senhor por o nosso jornal combater a religião, quando é sabido que não combatemos a religião, mas os seus absurdos, que são muitos.

Estamos muito superiores ás baixas calunias e por isso pôdem as linguas catholicas habituadas á intriga e á hostia continuar n'esse santo mister.

Porque será, então, que ardem as casas dos que vão sempre á missa, dos que se confessam e que por isso dizem ser catholicos?

Segundo vós, foi Deus quem lançou esse incendio como castigo e assim demonstraes que Deus é um vingativo e um criminoso, por que, pelas nossas leis, o fogo posto é um crime.

Emfim vós, que vos dizeis catholicos, deixaes de o ser porque attribuis Deus a causa do incendio e o tornaes responsavel pelos prejuizos causados. Nós, que segundo dizeis não somos catholicos, é que o somos porque não concebemos um Deus tão tirano nem com tão maus instinctos.

E' esta a conclusão que tiramos da vossa calunia.

Retrato da Companhia chamada de Jesus

feito por muitos e grandes Varoens illustres e catholicos desde o tempo da sua fundação em 1540 até o anno de 1650

EM 1415

Melchior Cano, Bispo das Canarias, um dos mais santos, e mais sabios Theologos do seu seculo, no seu juizo feito sobre a Companhia, e referido pelo Jezuita Orlandino na sua Historia da Companhia livro 8, num. 45., e 46.

Dizia este illustre, e religioso Prelado, que esta Companhia causaria sempre á Igreja males sem numero; que era uma sociedade anti-christian, Companhia dos precursores do Anti-Christo, que não podia deixar de apparecer brevemente; pois começavam a apparecer os seus precursores, e os seus emissarios.

He d'elles (acrescentava o mesmo Prelado) que fallou S. Paulo no cap. 3 da sua segunda Carta a Thimoteo n'estes termos:

Mas sabei, que nos ultimos tempos se verão homens amantes de si mesmos, avarentos, gloriosos, soberbos, maledicos, desobedientes a seus Pays, e Mays, ingratos, impios, inhumanos, inimigos da paz, calumniadores, immoderados, sem affecto ás pessoas virtuosas, traidores, insolentes, inchados de orgulho, mais amantes do appetite, que de Deus, trazendo apparencia de piedade, mas na verdade arruinarão o espirito, e a virtude... introduzindo-se nas casas e levando atraz de si, como cativas, mulheres carregadas de peccados, e possuidas de diversas paixoens, as quaes quesem aprender sempre, e nunca ao conhecimento da verdade.

Assim como Janés, e Mam-

bré, resistiram a Moisés, da mesma sorte resistirão estes á verdade.

São homens perversos no espirito, e corruptos na Fé. Mas os progressos, que elles fizerem, terão seus limites; porque enfim será conhecida de todo o mundo a sua loucura, assim como o foi estão a dos Magicos... Todos, os que querem viver com piedade de Jesus Nosso Senhor, serão perseguidos; mas estes homens inãos, e impostores se fortificarão cada vez mais no mal, enganando os outros, e enganando-se a si mesmos.

EM 1548

O mesmo Prelado na sua carta ao Padre Regla, confessor de Carlos V em 1548. Oxalá que se desse credito ás minhas palavras... se deixarem caminhar os Padres da Companhia no mesmo passo, em que tem começado queira Deus que não chegue tempo, em que os Reis lhe queiram resistir e não possam.

EM 1552

Em o mesmo tempo D. João Martins Siliceo, Arcebispo de Toledo, e depois Cardeal em 1552, prohibiu o confessorario aos Jezuitas do seu Arcebispado, e publica uma sentença de excommunição contra os que se fossem confessar com elles.

Ordena aos Parochos e Casas Religiosas, que não deixem prégar, nem dizer missa nas suas Igrejas a algum da Companhia, e prohibe o confessorario a todos os sacerdotes de Toledo, que tenham feito com elles os exercicios espirituas.

NOTA:—O Cardeal Siliceo foi obrigado a ceder ás ordens do Lapa, e da Corte de Hespanha, restituir os Jezuitas, á quem o credito do seu Geral Santo Ignacio havia já feito muito poderosos.

Oração de um crente

Creio na Natureza; creio em Christo, homem; creio em Nossa Senhora, Mãe; creio no sol; creio nos homens; creio na mulher, virgem; creio na mulher, mãe; creio em tudo que vejo; creio no que a minha razão, sem grande esforço acceita; creio na morte; creio finalmente, na terra, no seio da qual o meu corpo ha-de transformar-se.

Amen.

Trechos Escolhidos

O nosso bom Povinho (incluindo burguezia e nobreza, baixo e alto clero, não cessa de dar graças e louvores á Providencia e á Virgem por nos preservarem de flagelos, calamidades e catastrophes, privilegiando-nos entre as nações da terra. Somos como os hebreus, um povo escolhido, feliz, bemaventurado. Sabe-se como Jehovah fazia escarmentar Israel, a despeito do pacto. Portugal a despeito da Virgem e da Providencia, tem sido contemplado com muitas graças, na verdade... Eis algumas:

Invasão da peste por varias vezes, nomeadamente nos reinados de D. Duarte, D. Manoel, D. Pedro V; guerra incessante, ateadas pelos reis e pelos padres; fome perpetua, principalmente no tempo das glorias portuguezas, em que os *fidalgos* se entretinham na conquista, roubo e matança dos pacificos povos d'além-mar deixando reduzir este paiz a baldio e despovoar os campos e as cidades, porque a fome e a guerra faziam horrorosos estragos.

Louvado seja Deus e *el-rei* nosso Senhor.

Mas o que escapava á peste, fome e guerra, não podia escapar á força d'*el-rei* nosso Senhor, nem ás torturas, ergastulos e fogueiras da *santa inquisição*. Bemditá a Santa Madre Igreja c. a. r. que pelo fogo purifica a terra e os peccadores...

Por sua parte, o bom Deus, além da peste, estiágens e pragas de gafanhotos, do oideum, philoxera, mildiu, do rot das vinhas e das consciencias, da malaria da politica, praga da reacção, flagello dos agiotas—a crise, a fome horrivel que assola o Douro e a dizima em geral os trabalhadores do campo e da cidade, tem convidado o seu predilecto Portugal com os seguintes terramotos (Vid P. Osorio, et.):

O terramoto do seculo IV, que fôra sentido até á Laestina, fizera em Portugal horribéis estragos, desde o algarve ás Berlengas; o de 22 de fevereiro de 1309, que abalára profundamente quasi toda a Europa, causou grandes ruinas cá na Parvónea; o de 1344 chegou para

o lisboeta. Violentissimo e ruinoso foi o de 1356, sobretudo em Lisboa; e o de 1512 não foi menos horroroso. Mais terrivel ainda foi o de 1531, que, principiando a 7 de janeiro, se repetiu por 50 dias, derrocando os edificios e fendendo a terra por onde impetuosamente jorravam, como em almeirim, agua, fumo, areia, etc

Muito mais calamitoso ainda foi, porém, o de 28 de janeiro de 1551, que só em Lisboa, derrubou 200 edificios e fez 2.000 victimas.

Em 22 de julho de 1597, viu-se afundir uma parte do Monte de Santa Catharina, com tres ruas, 110 edificios, a calçada e o caes de pedra... perecendo bastantes mortaes.

Em 1.669, houve em Portugal frequentes tremores de terra; e em 6 de março de 1710, um terramoto pavoroso derroca em Portimão e n'outras povoações algarvias, casas, igrejas, muralhas, etc; mais terrivel foi, todavia, o terramoto de 27 de dezembro de 1722, calamitoso em todo o algarve.

A visita paternal e misericordiosa de Deus ao seu povo *heroe*, beato, submisso, obnoxio, foi em 1755, no 1.º de Novembro por 9-12 horas da manhã. O epicentro d'este formidavel terramoto foi de certo sob Lisboa; mas abalou grande parte da Europa, sentindo se até na Escocia, na Argelia e dos Açores ás Antilhas!

Em Cadiz, o mar galgando furioso, sobiu 18 metros; em Tanger (Africa) subiu e desceu muitas vezes; mas em Lisboa, a catastrophe foi medonhal A cidade é terrivelmente sacudida; desabafado; o tejo empina-se, alaga, desmorona e arrasta; o fogo devora; 30, 40 mil victimas; horro e delirio; roubos e execuções a esmo.

Bagatella!—Em Caxias, em Peniche, Cintra, Mafra, Setubal, Coimbra, Beira, principalmente no Algarve, foi tudo coberto de ruinas, victimas e horrores.

Em 25 de abril do mesmo anno, dera-se o violento e horroroso seísmo de S. Francisco (Calefornia); e em 24 de agosto, o da peninsula Iberica, ferindo profundamente Mora, Orzega, Alentejo e Algarve.

Mas veio a invasão franceza provocada pela côrte carola, parva e covarde; a tyruina de Beresford; as guerras sanguinolentas, ateadas pelas ambições dos manos dynastas; a praga constitucional e seu polico veneno; o advento da reacção; a ruina das finanças; a exploração burguezia; o furor da agiotagem; a falsa caridade; o virus da politica; a desgraça do Douro:—a miseria, a fome e uma perspectiva pavorosa,

Desastres não teem faltado: o naufragio do vapor Porto; a catastrophe do Fouquet; as razzias nas colonias... Basta, basta. Louvores á Providencia... pela eminente derrocada.

(a) Ultimamente, o terramoto do Ribatejo, de todos bem conhecido.

Do Livro «*Catastrophe de Italia*» por A. J. Pereira de Carvalho.

A Invocação de um Espirito

Invocar espiritos é hoje coisa terrivel. Ora se invoca o espirito de um amigo, ora o de um parente, ora o de um escriptor notavel, etc.

Porque será que ainda ninguem se lembrou de invocar o espirito de Christo?! Vou eu fazel-o, sósinho, com todas as regras que nos livros tenho aprendido.

Local escolhido; um quarto espaçoso, de paredes brancas, janellas e portas hermeticamente fechadas.

Uma meza, um tinteiro, algumas tiras de papel, uma cadeira e uma luz morticã de um candieiro de azeite.

E' meia noite. Não chega até mim outro sussuro que não seja o tic-tac de um relógio.

Vou paral-o. Embrulho-me n'um panno preto, sento-me na cadeira, diminuo tanto quanto posso a luz do candieiro, caio em extase, e, passados poucos instantes, vejo desenharse uma vaga sombra lá ao fundo, sobre a parede branca que me fica em frente.

Sinto todo o meu corpo abalado por um turporsinho agradavel e ao meu ouvido cnega um ciclar de sons confusos que pouco a pouco se vão tornando mais perceptíveis a ponto de ouvir

distinctamente estas palavras:—Eis o espirito de Christo, que invocaste. Que lhe queres? — Pouco. Uma pergunta apenas: Que conceito fazeis da humanidade?

—A humanidade é a maior imperfeição da natureza. Encontra-se no mundo sem saber d'onde veio. Arranja divindades como a minha, passa a vida n'uma lucta constante e é n'ella que caminha, caminha, sem saber para onde vae.

Acompanha-a que não tens outro remedio. Desvia-te do que te parecer mau, nem muito te aproximes de tudo que se te afigure bom. Caminha, caminha...

Quando despertei, ainda uns imperceptíveis sons me vinham ferir o ouvido.

Dei força á luz, abri as janellas, contemplei o firmamento e vi que as estrellas, as minhas queridas estrellas, em breve iam apagar-se.

N'esta noite não dormi. Esperei que o sol brilhasse para caminhar, para o desconhecido...

E assim, passarei os meus dias a rir-me dos homens e da sua credulidade, até que a terra, a santa terra que nos dá o pão, me abraçe no seu seio e me transforme em productos uteis para aquelles que na sua crosta tem de continuar a caminhar, a caminhar...

RIDICULOS

A missa do meio dia

Ao nosso illustre collega a «Beira», que se publica em Vizeu agradecemos a transcripção que fez no seu n.º 232 de 18 de setembro, do artigo «Missa», publicado no n.º 13 do «Despertar!» devido á pena brilhante da nossa distincta collaboradora D. Maria Prado.

Lembrámos porém ao collega a conveniencia de, quando fizer transcripções, indicar a sua proveniencia ou o nome do seu actor, assim como achamos procedimento inqualificavel a alteração que fizeram ao artigo.

Sentimos tambem que o collega desde o n.º 231 deixasse de nos visitar,